

## Casos contados por Rubens Reinaldo Barreto

### O PEDIGREE

Nas últimas décadas do século passado, ocorreu no nordeste expansão das raças Indianas, com destaque para o InduBrasil. Na época um criador de Patu - RN adquiriu um touro dessa raça. Cruzou com a vaca mais "raçada" do seu rebanho. Durante o período de gestação o fazendeiro aguardava, com muita ansiedade, a nova cria. Sonhava com um bezerro de grande porte, couraça solta, cor branca ou cinza e, o mais importante, a característica principal da raça InduBrasil, ou seja, orelhas grandes e recortadas. Um filho do criador, meio desligado da atividade pecuária, casualmente encontrou a vaca, parida. Correu até a cidade para contar a surpresa:

\_ A vaca zebu pariu!

\_ E o bezerro, meu filho, tem muita orelha?

\_ Só duas, pai!

### A ALMA DA SERRA

Aconteceu com um caminhoneiro vindo do Ceará, que tentando fugir das "cancelas" fiscais, perdeu-se nas brenhas da serra, indo parar na comunidade de Serra do Padre, na Paraíba. Um morador, altas horas da noite, o aconselhou esperar amanhecer para continuar a viagem. O rapaz não concordou.

\_ Preciso ir agora. Aponte-me a saída, por favor.

\_ E você quer descer a serra essa hora? É muito arriscado. A ladeira é muito íngreme e mal assombrada. O nome deve-se a um padre que morreu em acidente, há muitos anos. No local do sinistro edificaram um pedestal, e nele um cruzeiro enorme. Ali as pessoas costumam orar durante o dia. À noite porém, só os fantasmas, velas incandescentes, uivos. Coisas do além. Falam até de

um andarilho pedindo carona ou sinalizando nas curvas. As almas, você sabe, têm hábitos noturnos e preferências pelos fracos ou solitários.

\_ Basta, meu amigo. Mostre a saída.

Partiu o caminhoneiro. Logo em seguida o medo, os arrepios, as curvas. Numa dessas sinuosidades os faróis do carro focaram um madeiro. Estava ali o padre. Acelerou a máquina e ao mudar de vista já o viu, de braços abertos no meio da estrada, pedido parada. Avançou mais cem metros de ladeira abaixo quando o padre já se achava na cabine, sentado ao seu lado.

\_ Mas devagar, meu filho. Foi numa carreira dessas que eu morri.

\_ Pois se segure, padre, senão vai morrer de novo.

## Menina do interior

*O teu pai é lavrador*

*Tua mãe cuida da cozinha, do fogão e do cobertor;*

*Teus irmãos cuidam da roça, da casa de farinha,*

*Do galo e da galinha, das coisas de nosso Senhor.*

*Menina do sertão do gado, menina do roçado, de vestido amarrotado,*

*De chinelo apertado, menina, que cresceu,*

*Que se fez moça menina, que apareceu...vestida.*

*E que um dia, foi minha mulher.*

Adeilton Arcanjo

## A carnaubeira

Muito esbelta imponente majestosa  
A perscrutar os céus com seus tentáculos  
A carnaubeira balança airosa  
Nas agruras, enfrenta os obstáculos

Árvore da vida é considerada  
Desde a madeira ao fruto adocicado  
Também fornece a palha aveludada  
E a cera vale ouro no mercado

Resistente ao sol e à seca do Nordeste  
Ela é valente como o nordestino  
Ela nasceu no solo do agreste

Mesmo assim ela vive a farfalhar  
Indiferente ao clima e ao sol ferino  
Como um protesto, sempre a gargalhar

Mairton Menezes

## Governo petista e o choque cultural

Primeiro foi o choque da cultura portuguesa com as culturas indígena e africana, supridoras da mão-de-obra escrava, nos primeiros anos de nossa formação econômico-social. Depois, veio o choque com as culturas de vários países europeus fornecedoras de mão-de-obra assalariada, após a abolição da escravatura intensificada, principalmente, a partir da década de 30 do século passado.

Desses choques de culturas resultou, como é comum em fenômenos da espécie, a extinção ou descaracterização das culturas atrasadas - indígenas e africanas - no nosso caso, pelas chamadas culturas civilizadas, obviamente, as européias.

A forma e profundidade como se processou esse fato histórico explicam, em grande parte, as gritantes desigualdades econômico-sociais e a natureza arraigadamente plutocrática e elitista que caracterizam nossa sociedade. De início, fomos uma colônia portuguesa socialmente constituída de meia dúzia de donatários e ampla massa de escravos. Em seguida, nos tornamos uma monarquia dirigida por uma nobreza feudal também plenamente escravagista. Por último, proclamamos a República brasileira, com a escravidão já abolida, o trabalho assalariado adotado e o surgimento de uma incipiente indústria responsável pelo florescimento de uma classe burguesa e de uma classe operária, nos meios urbanos mais adiantados. Durante, porém, todo esse longo processo evolutivo, foram sempre as elites rural ou urbana, através de seus doutores e letrados, que mantiveram nas mãos as rédeas do poder estatal.

Não é de admirar portanto que, para alguns integrantes

dessas elites, parecesse hipótese absurda um Presidente da República e um partido político - oriundos de classes trabalhadoras ou populares ignorantes, sem tradição no trato da coisa pública - terem competência para governar o país.

Há de se reconhecer que, numa sociedade regida pela alternância democrática do poder, o exercício da governabilidade, por uma classe sem a devida experiência histórica, teria de ser um difícil processo de aprendizagem e adaptação.

Superdimensionada por alguns analistas políticos, essa dificuldade daria margem, na campanha eleitoral de 2002, ao argumento opositorista do caos e da ingovernabilidade como preço de uma eventual vitória e instalação de um governo petista na Presidência da República.

Vitorioso e empossado o governo e não confirmada a tragédia anunciada, continuaram e continuam os inconformados oráculos a difundir, na grande mídia, que só eles têm competência para governar o país.

Assim, erros, defeitos ou falhas, comuns a qualquer governo, são para eles, se cometidos pelo atual governo, sintomas de eminente hecatombe governamental. Os sucessos, quando reconhecidos, são rigorosamente minimizados ou ridicularizados.

No mínimo, porém, deve-se esperar que o Governo Lula seja a oportunidade para a derrubada do mito da incapacidade da classe trabalhadora para governar o país e uma tentativa de reparação dos estragos causados à consciência nacional pelos perversos choques culturais, ao longo da história de nosso país.

Fortaleza, 23 de janeiro de 2005  
Pedro Hudson de Paiva Silveira

Nota: "Bom. Muito bom. Sem comentários.  
Ribamar Lopes"

## Perfil de uma mãe

Laurindo Ferreira

Reconheço não possuir qualidades de um mestre do pincel para combinar tintas sobre uma tela, transformando-a em fiel reprodução de minha personagem de hoje.

Diante dessa incompetência, resta-me o recurso da palavra escrita. Então, por essa trilha, minha proposta tem a incumbência de oferecer uma fotografia que se aproxime das qualidades de uma certa mãe.

A mãe de quem falo, Deus, em sua infinita bondade, fê-la um anjo de asas largas para oferecer abrigo e proteção a todos seus filhos. Fê-la, inclusive, uma santa para ensinar o catecismo a seus filhos, fazendo-os obedientes aos princípios da doutrina Divina.

Essa mãe já conta com uma larga experiência de vida, e, não raras vezes, se multiplica em amor e tolerância para satisfazer as exigências de seu cotidiano. E, nessas horas, se desdobra para exercer com fidelidade, também, o papel de avó, bisavó e trisavó.

Quando a conheci ela ainda era muito jovem... Na educação de seus filhos, revelava-se avessa ao castigo físico. O chinelo repressor aparecia apenas para intimidar e manter a ordem no lar. Em outras oportunidades, a presença dele tinha uma razão especial. Evitar que o poder paterno - mais severo - entrasse em ação... e, aí, a punição viesse pra valer. Ela já se encontra nonagenária. Por isso, evidentes os sinais de cansaço... Mesmo assim, em seu ombro ainda posso reclinar a cabeça numa quadra mais difícil. Se tenho uma dor, ela chora por mim. Se alguma tristeza bate-me à porta, ela sorri para me alegrar.

E sempre assim... Seu coração - símbolo do perdão - transforma-se em lua-cheia para clarear avenidas, vielas e veredas, se alguma escuridão ousa aparecer no caminho de algum de seus filhos.

Irreparável seria meu pecado se não falasse da sua habilidade no ofício da culinária. Nesse particular, criativa e íntima dos temperos correspondia ao mais exigente paladar.

Pois bem! Sabemos que numa jogada esperta de marketing, o comércio criou o Dia das Mães, data fixada no calendário dos negócios com a intenção de aumentar o faturamento do mês, sem, contudo, imaginar que, ali, estivesse dando partida para o merecido reconhecimento do papel desempenhado pelas mães do mundo inteiro.

Não resta dúvida. O tempo, senhor das verdades, vem dulcificando o valor e justeza da data. Nesse dia, meus sentimentos afloram com maior intensidade para homenagear minha mãe Maria Celina Ferreira, na passagem do Dia das Mães!

Fortaleza, março 2008

## Pensamentos de Fernando Pessoa

Quando o amor te acenar, segue-o, ainda que por caminhos ásperos e íngremes.

E quando suas asas te envolverem, rende-te a ele, ainda que a lâmina escondida sob suas asas possa ferir-te.

E quando ele te falar, acredita no que ele diz, ainda que sua voz possa destroçar teus sonhos, assim como o vento norte açoita o jardim.

Pois, se o amor te coroa, ele também te crucifica.

Se te ajuda a crescer, também te diminui.

Se te faz subir às alturas e acaricia teus ramos mais tenros, que tremem ao sol, também te faz descer às raízes e abala a tua ligação com a terra.

Como os feixes de trigo, ele te mantém íntegro.

Debulha-te até que fiques nu.

Transforma-te, retirando a tua palha.

Tritura-te, até que estejas branco.

Amassa-te, até que te tornes macio; e então te apresenta ao fogo, para que te transformes em pão, no banquete sagrado de Deus.

Todas essas coisas pode o amor realizar, para que saibas dos segredos do teu coração, e com esse conhecimento sejas um fragmento do coração, da vida.

A pedido de Joaldino Teodoro dos Santos

## DRAMAS DO PLANETA E PERIGOS À VISTA

I

FALTA AMOR NA CONVIVÊNCIA,  
VIROU UM SACO SEM FUNDO;  
FILHOS NÃO RESPEITAM AS MÃES;  
CHAMAM OS PAIS DE VAGABUNDOS...  
NADA MAIS É COMO "ERA";  
PARECE QUE A BESTA FERA,  
QUER TOMAR CONTA DO MUNDO.

II

O ABISMO É TÃO PROFUNDO;  
SE ACABANDO FAUNA E FLORA;  
O MAR PERDENDO OS SEGREDOS,  
O PLANETA SE APAVORA...  
OS JUSTOS PERDENDO A VEZ;  
JESUS CRISTO NUNCA FEZ...  
TANTA FALTA COMO AGORA.

III

JESUS E NOSSA SENHORA  
TENHAM DÓ E PIDADE...  
CUBRAM O NOSSO MUNDO VELHO,  
COM VÉU DA FRATERNIDADE,  
TANTOS DRAMAS ESQUISITOS;  
FAÇAM SUMIREM OS CONFLITOS,  
QUE AFLIGEM A HUMANIDADE.

IV

MANDAI MEU PAI DE BONDADE,  
QUE RETORNE A ESPERANÇA;  
QUE OS PAIS CUIDEM MELHOR,  
NÃO SOLTEM A SUA CRIANÇA:  
SENDO MAL ACOMPANHADO...  
SERÁ MAIS UM VICIADO,  
NOS CAMINHOS DA MATANÇA.

V

O PERIGO QUE SE AVANÇA,  
NOS NOSSOS CENTROS URBANOS;  
UMA QUESTÃO QUE SE ARRASTA;  
QUE PERCORREU TANTOS ANOS;  
É MUITO TRISTE A AMEAÇA...  
E O LAMAÇAL DA DESGRAÇA,  
SUJANDO OS SERES HUMANOS.

VI

NEM OS NOSSOS OCEANOS;  
CONSEGUEM UMA DEFERÊNCIA,  
COM OS DESASTRES ECOLÓGICOS,  
FALTANDO AMOR E PRUDÊNCIA,  
DE FATO O QUE OBSERVAMOS;  
E COM TRISTEZA AGUARDAMOS,  
A MAIS BRUTAL CONSEQUÊNCIA.

VII

SENTIMOS QUE A VIOLÊNCIA,  
TOMOU CONTA DO MILÊNIO;  
COISAS DOS ALTOS ESCALÕES;  
TUDO ATRAVÉS DE CONVÊNIO;  
NA VERDADE O MAL É CRÔNICO,  
ESTÃO LEVANDO O GÁS CARBÔNICO,  
E COM ELE O NOSSO OXIGÊNIO.

VIII

TEM QUE APARECER UM GÊNIO;  
DO AUTOR DA CRIAÇÃO...  
PARA DIZER, CALMA MUNDO;  
FALAR, VIOLÊNCIA "NÃO" !!!  
NÃO DEIXAR QUE A TERRA MORRA!  
SENHOR JESUS, VENHA, CORRA!  
ACABAR A NOSSA AFLIÇÃO.

IX

NÃO HÁ PAZ NO NOSSO CHÃO;  
QUE POR VÓS FOI CONSTRUÍDO,  
VEMOS O NOSSO HORIZONTE;  
TOTALMENTE POLUÍDO...  
E CADA DIA A DROGA AUMENTA,  
O DIABO ONDE BOTA A VENTA,  
SOLTA NO MUNDO UM BANDIDO.

X

POR ISTO MEU PAI QUERIDO,  
VENHA LOGO, VENHA VER!!!  
TEM GENTE DEMAIS SOFRENDO,  
PAGANDO ATÉ SEM DEVER;  
COLOQUE A SUA MÃO DIVINA,  
BOTE UM ANJO EM CADA ESQUINA,  
NÃO DEIXE A TERRA MORRER.

Francisco Canindé Fernandes

## R E F L E X Õ E S

O dia mais belo?  
HOJE

A pior derrota?  
O DESÂNIMO

A pessoa mais perigosa?  
A MENTIROSA

A proteção efetiva?  
O SORRISO

A coisa mais fácil?  
ERRAR

Os melhores professores?  
AS CRIANÇAS

O sentimento mais terrível?  
O RANCOR

O melhor remédio?  
O OTIMISMO

O maior obstáculo?  
O MEDO

A primeira necessidade?  
COMUNICAR-SE

O presente mais belo?  
O PERDÃO

A maior satisfação?  
O DEVER CUMPRIDO

O maior erro?  
O ABANDONO

O que mais lhe faz feliz?  
SER ÚTIL

O mais imprescindível?  
O LAR

A força mais potente do mundo?  
A FÉ

A raiz de todos os males?  
O EGOÍSMO

O maior mistério?  
A MORTE

A rota mais rápida?  
O CAMINHO CERTO

As pessoas mais necessárias?  
OS PAIS

A distração mais bela?  
O TRABALHO

O pior defeito?  
O MAU HUMOR

A sensação mais agradável?  
PAZ INTERIOR

A mais bela de todas as coisas?  
O AMOR

Tereza de Calcutá

## O poço de Jacó

Havia, entre judeus e samaritanos, uma distância enorme provocada pela monstruosidade de um tabu sócio-religioso antigo e implacável. Por isso, quando, naquele dia ensolarado, o Cristo pediu à samaritana água para beber, ela interrogou, cheia de dúvida: "Como, sendo tu judeu, me pedes água para beber..."

Rompendo o preconceito - coisa em que o Rabi da Galiléia foi useiro vezeiro - Jesus travou com a mulher daquele povo réprobo, o famoso diálogo de que nos falam as escrituras. Usando a parábola, o Cristo afirmou que poderia oferecer à sua interlocutora a água viva, aquela que matava a sede do espírito.

Como tudo que aconteceu na vida do Messias, esse seu encontro na fonte de Jacó foi cheio de ensinamento que o tempo se encarrega de confirmar e colorir. Primeiro porque aquela mulher era samaritana e Samaria tinha a fama de terra maldita. Seu povo era olhado com desprezo e desdém pelos judeus. O preconceito de que os seus irmãos de raça são tão ciosos, não deteve o Cristo. A sua mensagem de paz e de amor era universal e as divisões políticas e geográficas nada significavam para o seu espírito elevado. Depois, a lição de humildade. Pedir água àquela mulher era

não somente estabelecer relações amistosas com gente samaritana como solicitar um favor - "Dá-me de beber", disse o Cristo. E após algumas considerações, proclamou que poderia oferecer a "água viva". Primeiro ele pediu, como se fora simples mortal, despindo-se da sua divindade. Depois, vendo que a distância humana não fora vencida pela sua humildade ("Dá-me de beber", ele pedira), falou das verdades eternas.

Repetindo-se, a vida se repete em muitos aspectos de que os antigos deram testemunho. O episódio do poço de Sicar, em que pedindo água para beber o Cristo ofereceu água viva, tem registro no caminho de cada um de nós. Quantas vezes, na realidade, não descansamos um pouco da caminhada à beira de uma fonte que nos pode dessedentar? Oportunidades sem conta, a cansaça, desespero, o amargo das frustrações dominam a nossa alma. Combalidos pela jornada, avistamos a fonte de Jacó do nosso destino. Somos judeus, entretanto, e a fonte que nos enche de vida está em território de Samaria. Incapazes de romper as malhas do preconceito continuamos, cada vez mais sedentos, a caminhada pelos desertos da existência.

São esses viandantes falsamente fortes, que não tiveram a coragem de se

elevantar através da humilhação de quem pede e nem a força de se afirmar por intermédio da doação, são eles que enchem de esqueletos inúteis a imensidão dos desertos.

Sicar é cidade que existe na rota de cada um de nós. Lá, ao lado de sua fonte bíblica, a mulher samaritana espera pelo pedido: "Dá-me de beber". Quem já o fez do fundo do coração e com todas as forças da sua alma, sentiu que ela também oferece a água viva de que falou o Cristo. O companheiro que já bebeu dessa água sabe que ela significa a vida em dimensões novas, e não a esquece jamais.

Feliz pois de quem soube ser humilde e pedir "Dá-me de beber" diante da fonte do seu caminho. Saciada a sua sede, o homem teve olhos para ver os horizontes imensos e belos e pôde testemunhar o deslumbramento incandescente das auroras eternas. Tudo porque um dia, no seu deserto de esperanças, ele encontrou uma "cidade de Samaria, chamada Sicar, junto da herdade que Jacó tinha dado a seu filho José", a samaritana que atendeu a seu apelo desesperado.

Rodrigues de Gouveia

### Revendo o Tempo

Quando puderes rever teu tempo  
E tiveres tempo de amar um pouco  
Viverás a paz deste bom momento  
Sem pensar que estás ficando louco

Enxergar neste mundo teu futuro  
E poderás sentir teu corpo e alma  
Inebriados de um amor mais puro  
Buscando esta paz que te acalma

Quando desvendares este teu medo  
Um pouco luminoso vai te mostrar  
Que a vida já não tem tanto segredo

E não sentirás remorso e tamanha dor  
Sabendo separar o joio para não ficar  
Matando assim o trigo deste teu amor

João Alencar Sobrinho

### Viagem à Terra do Mara

Resolvemos, de comum acordo, usar todo o nosso saldo de milhas aéreas e passar, juntos, o "reveillon" - 2006 na terra do Mara.

As roupas sociais da família são lavadas na lavanderia LAVLEV, de propriedade da Dona Mara, pessoa que, de tanto se tornar amiga, eu já nem escrevo mais Dona Mara, separado; junto uma palavra à outra e escrevo Donamara, uma palavra só.

As roupas foram lavadas, passadas e entregues e viajamos a Buenos Aires, terra do Mara.

Lá estando, fui vestir uma camisa salmão-claro, que é o meu xodó. E quem viu a camisa me caber? Terrivelmente apertada, descobri tratar-se de uma camisa parecidíssima com a minha, mas pertencente a outra pessoa.

Já em Fortaleza, expliquei tudo a

Donamara e ela, tentando juntar as pedras do jogo, terminou constatando que o engano envolvera a minha camisa e a do seu próprio marido, grande admirador do craque argentino, e providenciou para que fossem prontamente destruídas.

O proprietário da outra maravilhado com a história que ouvira da Donamara, beijou em público a sua legítima camisa e assim se expressou: - Esta camisa será guardada para sempre e jamais será usada, só porque foi à terra do Mara.

- Não descubra, nunca, ele, que a grande maioria de seus clientes admira mais Donamara que Maradona.

Luiz Mendes  
Membro da Academia Limoerense de Letras  
Aposentado do BNB